

Imprensa Nacional  
Biblioteca Machado de Assis



B0024777

F  
331.17  
B823

Assistente Social  
nas Indústrias

F 658.159 67  
B823a

TIVA

COMÉRCIO

D TRABALHO

MINISTÉRIO DO TRABALHO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO  
DEPARTAMENTO NACIONAL DO TRABALHO  
DIVISÃO DE HIGIENE E SEGURANÇA DO TRABALHO

# A ASSISTENTE SOCIAL NAS INDÚSTRIAS

CAMPANHA EDUCATIVA DO MINISTÉRIO  
DO TRABALHO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO

B0024777

F  
658.15967  
B823a

1946

IMPRESA NACIONAL  
RIO DE JANEIRO — BRASIL

## PREFÁCIO

Para mim foi sempre difícil definir e limitar o âmbito das funções de uma Assistência Social. Nas linhas que se seguem, traduzidas de um recente trabalho francês, elas se acham perfeitamente estabelecidas, mostrando o que cabe à trabalhadora social na sua dignificante tarefa de todos os dias.

Vê-se adiante, em uma série de entrevistas, todos os detalhes e todas as agruras que experimentam essas dedicadas criaturas que procuram corrigir os desajustamentos trazidos pelo acotovelamento das grandes cidades e dos movimentados núcleos industriais.

Possam assim entender e compreender essas servidoras da sociedade moderna.

Rio de Janeiro, agosto de 1946. — *Dedo Parreiras*

MINISTÉRIO DA SAÚDE E EDUCAÇÃO DEPARTAMENTO DE SAÚDE PÚBLICA BIBLIOTECA	
NÚMERO	DATA
F291	21/5/57

## AS CARREIRAS SOCIAIS

Durante muito tempo temos nos valido das qualidades especificamente femininas e a elas muitas vezes se tem feito apelo, reclamando das mulheres uma paciência, uma coragem, um devotamento, uma abnegação, que elas dão sempre com magnífica liberalidade, a ponto de numerosas pessoas imaginarem erradamente que as Carreiras Sociais, cujas bases se acham justamente nessas virtudes femininas, não têm necessidade de aprendizado. A mulher, dizem elas, é enfermeira, instintivamente. E' naturalmente que ela cura, que ela organiza e que ela consola. Ocupar-se dos fracos, dos doentes, das crianças é a sua função natural.

E' bem claro que essa inclinação natural é indispensável às mulheres que se destinam às carreiras sociais. Mas é, ao mesmo tempo, *necessária e insuficiente*.

Para dar à sociedade os serviços que lhe são reclamados, é preciso, na expressão justa de Mlle. Delagrange, "trabalhadoras especializadas, que receberam uma função profissional precisa, organizando técnica e racionalmente esse devotamento feminino".

Nessas carreiras, especificamente femininas, pode haver elementos masculinos de mérito e necessidades incontáveis. O enfermeiro do hospital, por exemplo.

Já encontramos, no Serviço Social da Criança, um Assistente Social. Mas isto é uma exceção que confirma a regra, e ninguém, mesmo entre os maiores adversários do trabalho feminino, pensaria em disputar às mulheres as pesadas obrigações que elas assumiram.

E' preciso confessar que o Serviço Social, de que uma grande parte se consagra às crianças, aos doentes, aos deficientes, aos sofredores que a miséria de uma e outra abate, oferece às suas trabalhadoras tarefas muitas vezes tão penosas, espetáculos tão dolorosos, que nunca é demasiado o tradicional devotamento da mulher para lhes fazer face.

Outros aspectos do trabalho social requerem um outro dom de natureza feminina. Eles concernem aos problemas de organização da *vida dos operários*, ora dentro de suas atividades profissionais, ora fóra delas. São as *assistentes sociais* encarregadas de inquéritos; as *residentes sociais*, nos meios urbanos e rurais — nos centros sociais; superintendendo usinas, assegurando entre o partão e o pessoal uma ligação permanente, e todas essas mulheres devem pôr à serviço de suas elevadas finalidades toda a delicadeza, a sabedoria e dons psicológicos, que se reconhecem na mulher. O papel de-

licado de elementos conciliatórios, apaziguadores, que a vida familiar e a vida mundana sempre atribuíram à mulher, é, no momento, reclamado por uma vida social de mais em mais complexa e difícil.

A opinião masculina se inclina e confessa que servir à sociedade, desta forma, é bem um quinhão das mulheres.

---

As carreiras sociais, especificamente femininas, comportam um belíssimo ideal. As que as abraçarem podem estar certas de poder dar um livre curso ao seu devotamento. Elas serão verdadeiramente úteis, da mais bela e generosa forma. Trabalharão dentro da massa humana e, sem exagero, pode dizer-se que muita gente dependerá delas.

Quando se vê uma enfermeira à cabeceira de um doente, uma visitadora cuidando da situação de higiene de uma habitação, uma assistente fazendo um inquérito, uma residente num centro social, uma superintendente entre o patrão e os empregados, pode se dar conta da soma de conhecimentos e de autoridade de que cada uma deve ser revestida.

As carreiras sociais exigem livre jôgo de inteligência e de aptidões, um espírito de iniciativa sempre presente, ao mesmo tempo que uma sensibilidade especial e precavida.

Muita gente, na hora atual, ainda confunde o papel das trabalhadoras sociais contemporâneas com

o que desempenham, no domínio privado, os membros de associações de beneficência, conhecidas sob o nome genérico de Irmãs de Caridade. E pensam que as mulheres que se dedicam às carreiras sociais são trabalhadoras benévolas e que deveriam ser recrutadas entre pessoas cuja situação social dispensasse qualquer retribuição material. Há aí um grave erro que é preciso afastar; as trabalhadoras sociais devem ter uma aceitável situação material, que lhes permita uma preciosa tranquilidade de espírito.

---

Por mais interessantes que possam ser as perspectivas de todas as ordens abertas pelas carreiras sociais, as que a elas se destinam não devem esquecer que são exigidos : *a)* bôa saúde; *b)* real vocação; *c)* permanente atividade; *d)* espírito de iniciativa e de observação *e)* especialização, que só se adquire ao preço de sérios estudos e grandes responsabilidades.

Nada pôde enfim situar melhor a atmosfera intelectual e moral na qual vão viver as diferentes trabalhadoras sociais, que as citações e conceitos que lhes atribuem — o caráter da profissão é maior que o de um ofício, maior que um praser, é um apostolado. Ter uma vocação é ter uma razão de viver. Todo ser que sofre pede um apoio. A consciência é pequena chama inestinguível cuja luz é o dever e cujo calor é o afeto.

## A ASSISTÊNCIA SOCIAL POLIVALENTE

Mlle. Th. B. telefonou-me :

eu volto à casa às 19,45 h. Se quiser ver-me às 20,30 h., eu lhe darei prazerosamente alguns momentos de atenção.

A noite começava a cair quando entrei na pequena sala onde pequenas lâmpadas discretas espalhavam luz sobre bancos cobertos de fazenda simples, sobre a madeira envernizada de uma secretária nova, sobre as encadernações antigas de numerosos livros de todos os formatos. Uma e outra cousa diziam das ocupações caseiras da dona do apartamento.

Um rosto enquadrado de cabelos brancos, olhos límpidos e claros, longas mãos frias que devem ser pacientes e hábeis, bôca séria, mas que sabe sorrir alegremente, um grande ar de domínio de si mesma, de bondade, de reflexão severa, tal se me apresentava essa trabalhadora social de vinte e três anos.

Eu creio, senhorinha, que assumis as múltiplas funções que cabem às assistentes polivalentes ?

**Exatamente.** Vale dizer que frequentei o ciclo de estudos e de estágios reclamados à enfermeira hospitalar, à visitadora e à assistente social. Obtive todos os diplomas de enfermagem, de puericultura e de tuberculose, que são exigidos para a entrega do diploma oficial.

Posso passar indiferentemente de serviço a outro, mas as minhas funções atuais de assistente social me desobrigam de curar. Não acredite que os meus dois anos de serviço hospitalar me sejam inúteis, longe disso. A senhora me compreenderá, mas é preciso que lhe explique de que modo se processa o preparo à carreira que abracei.

Entrei aos 18 anos na escola de puericultura. Como não pudesse passar em nenhum exame antes de completar vinte e um anos, decidi-me a fazer dois anos de serviço hospitalar e um ano de serviço social propriamente dito.

Esta seriação de estudos é obrigatória ?

Não. Porém eu não me sentia bem para fazer o serviço social, sem saber, primeiramente, o que é um doente.

Para auxiliar verdadeiramente um ser que sofre é preciso saber o que a doença traz de modificação em seus pensamentos, em seus sentimentos, em todas as suas reações. A assistente social, que tem o hábito de lidar com os doentes, descobre sinais e detalhes que escapam àquela cujo treinamento é menos perfeito. . . Para que possamos trazer ao médico uma colaboração eficaz, é preciso que, no curso de nossas visitas, procedamos discretamente à pesquisa dos antecedentes. Para que se conheça a significação de tal ou qual sintoma acusado pelo doente, pode-se, em lugar do interrogatório, estabelecer uma conversação, grandemente esclarecedora.

Demais, nos será fácil, após a consulta, explicar as palavras do clínico, interpretando o seu diagnóstico. Poderemos ser mais claras, mais persuasivas.

Para dar à minha ação social o máximo de serviço, eu fiz na escola de puericultura um primeiro ano de estudos gerais, acompanhado de estágios nos diferentes hospitais de Paris. Aí tivemos cursos de todas as espécies : — anatomia, fisiologia, química, ginecologia, obstetrícia, puericultura, farmácia. . . orientados por professores da Faculdade de Paris. Trabalhei no Vaughard, no Bichat com o Dr. Lemièrre, no Boucicaut, no Necker, com o Dr. Legueu, no Trousseau, no Enfants Malades, na Salpêtrière, com o Dr. Grosser, no Laënnec. Fiz assim quatro a cinco meses de medicina geral em seis hospitais diferentes, oito meses de cirurgia, sifilografia no Saint-Louis, tuberculose, oftalmologia, otorinolarigologia.

Quanta cousa triste tiveste ensejo de verificar por ocasião desses estágios ?

Sim, atrozés. Fui a primeira estagiária admitida pela Assistência Pública no Broussais, no serviço de velhos. Não lhe posso dizer aquilo de que fui testemunha. No dia em que iniciei o meu serviço, haviam morrido cinco mulheres, num total de setenta leitos. Perto, os estudantes se divertiam e brincavam. Eu ficava indignada.

Guardo desse estágio uma série de lembranças diversas : nunca pensei que um corpo humano pudesse se tornar uma coisa tão pobre, usada, encarquilhada . Havia mulheres acamadas desde dezenove anos . Não se lhes tratava mais . Limitava-se a tornar-lhes a temperatura . Tinha por elas uma piedade sem fim .

Nunca, em nenhuma parte, eu fui tão estimada como por essas pobres velhinhas a quem minha ruidosa mocidade trazia o esplendor da felicidade .

Elas me batizaram de Angélica e eu as estimava de todo o meu coração . Eu as via diariamente . Aprendi com elas de que maneira o acamado, o doente mais retraído, o mais taciturno, o mais indifferente, se prende à sua enfermeira, nos estabelecimentos de assistência pública, principalmente porque êle aí chega com ideias preconcebidas .

Consegui também no curso de meus estágios o indefinido desejo de aliviar o sofrimento alheio . Quando terminei o meu segundo ano de estudos gerais e de serviços práticos, comecei meus estudos de Serviço Social propriamente dito, aqueles que me deviam levar ao meu papel de visitadora e de assistente .

A visitadora de higiene social deve conhecer todos os problemas que se referem às moléstias venéreas e à tuberculose . Pode-se então imaginar o valor de minha permanência em os hopistais de Paris .

Deve ela ainda ter ciência das questões referentes à puericultura .

Para a tuberculose, o meu estágio foi de quatro meses no mesmo dispensário, a fim de que eu pudesse me iniciar verdadeiramente no trabalho social que devia ser e efetivamente é o meu .

Aprendi a organizar êste auxílio social, que deve ser trazido ao doente sem que a família sofra . Aprendi também a realizar um inquérito, a fazer um *dossier*, a estudar um caso, a procurar uma solução, tudo que faz parte integrante de um serviço de assistência, como veremos dentro em pouco .

Acompanhei cursos de obstetrícia e fiz igualmente estágios nos diversos dispensários e na maternidade .

E gosta dessa parte do programa ?

Absolutamente não . A mim não interessa saber o número de colheres de caldo que devem ser dadas a um bebê de tal idade . . . Prefiro sempre os doentes adultos que me sabem querer melhor .

Enfim, terminado o meu terceiro ano, obtidos com sucesso os meus três diplomas, procurei uma colocação . Esperando que o Ofício de Higiene Social me procurasse um lugar, fui consegui-lo numa clínica em Passy . O papel da enfermeira não me despertava aí maior interêsse . Eram doentes ricos, cheios de mimo, visitados sempre, atendidos pela empregada de quarto que se chama com frequência . Eram delicados, mas perfeitamente indifferentes .

Onde estavam os meus pobrezinhos da Assistência Pública ?

Trabalhei em seguida no Serviço Social dos Seguros Sociais. Aí, entre elementos que procurava pôr em ordem, consegui minha nomeação para um dispensário anti-tuberculoso, aproveitando então os conhecimentos conseguidos.

---

Tenho atualmente um serviço bem definido, que me permite ter os meus doentes, minhas famílias, podendo-os acompanhar, interessando-me não só do seu passado e do seu presente, como também do seu futuro.

Meu setor compreende um raio de 10 a 15 quilómetros, sobre o qual vivem 500 famílias. Comecei aí a minha série de primeiras visitas, há 8 anos, e ainda não vi duzentas famílias. Em geral posso fazer 7 a 8 visitas por dia, mas como sou forçada a passar pelos mesmos quarteirões, eu começo a rever os mesmas famílias, conhecendo-as melhor.

A senhorinha B. . . reflete um instante :

eu estou a falar de quarteirões, no entanto tenho procurado organizar minhas visitas rua a rua às vezes muito indistintas. As casas não têm número. Algumas estão sobre cascos movediços. Outras se acham abaixo do nível das ruas, em por-

rões. Tenho visto famílias em piores condições. Moram em casas abandonadas, de muros de pedra, sem revestimento, sem assoalho, lembrando habitações primitivas.

Com uma tal situação material, pode-se bem imaginar quanto é difícil falar-se em higiene da habitação. Como falar em profilaxia em semelhante ambiente ? A habitação, em geral, se resume em uma só sala e eu conto quatro a cinco pessoas servindo-se de uma mesma cama. Não existe roupa de cama. Os lençóis constituem luxo desconhecido. E, fato interessante, às vezes quando se tiram essas infelizes crianças para meios sãos, onde são bem tratadas e bem vestidas, elas começam a emagrecer. *Elas têm a nostalgia da miséria.*

Os bebês se adaptam, de 6 a 14 anos, meninos e meninas, desorientados por uma vida regular e sadia, sofrem antes de experimentar os benefícios.

Estou falando de minhas visitas sem lhe dizer entretanto como se organizam as minhas tarefas diárias. E' verdade que são esses contatos que me permitem fazer o meu melhor trabalho social junto às famílias. Pela manhã, vou aos dispensários e consultórios. Preparamos o doente, tomamos-lhe a temperatura e fazemos a sua ficha. Levamo-lo, em seguida, ao médico. Acompanhamos o exame radiológico e só então é que vamos agir mais eficazmente sobre o doente e acompanhantes para seguirem as prescrições do facultativo.

Acontece, porém, muitas vezes, que uns e outros se recusam *categòricamente*. E' então que, nas visitas feitas à domicílio, se trata de mostrar aos interessados a gravidade de seu estado e a importância de sua decisão. Pode-se imaginar às vezes, a urgência de afastamento de um doente, obrigando os seus parentes a uma segura contaminação.

Aí, o *dossier* social, que nós organizamos para cada família, segundo as nossas observações, desempenha um papel decisivo. Porque é então que se cuida de auxiliar *socialmente* o doente a curar, sem que venha fazer sofrer muito a sua família. E isto nem sempre é fácil. Há, frequentemente, situações irregulares. Homem e mulher não são casados. Os filhos, às vèzes, de 3 a 4 pais diferentes. Em certas casas é muito fácil de se afastar o pai, por exemplo, se está doente. Mas quem alimenta a prole? E se é a mãe que se encaminha ao sanatório, o que se fará dos filhos?

Enfim, é perigoso colocar os filhos longe dos pais, porque estes podem se acostumar muito bem da sua ausência, principalmente se não lhes custam nada. Eis porque nós nos habituamos, em geral, a dar às famílias uma participação nas despesas de preventório e sanatório, mesmo que seja de um franco por dia para a manutenção da criança.

Segundo os casos, é preciso estudar, de um lado as condições de emprego do doente e, de outro, prosseguir nas iniciativas necessárias para fazer tra-

balhar a mulher, por exemplo, na ausência do marido.

Quando estes problemas estão resolvidos, e que os interessados estão bem decididos a realizar aquilo que deve ser feito, é preciso completar todas as formalidades junto aos estabelecimentos para os quais os doentes vão ser encaminhados, junto aos Institutos de Aposentadoria e Pensões. E' preciso enfim obter requisições de transporte.

Prontos os documentos, na hora da remoção do doente, não é raro que, por negligência ou porque mudou de opinião, êste, que nos deu tanto trabalho, não queira mais partir.

Com o trabalho de consultas e de visitas temos ainda os de escrita e de estatística.

Vê-se assim que as preocupações de uma Assistente Social são variadas. . .

São sedutoras e lhes dão algum prazer?

Muita alegria. A de me consagrar inteiramente a uma profissão que empolga e que eu mesma, livremente, escolhi. Depois a íntima satisfação de realizar uma obra útil.

Como sois recebida, em geral?

Muito bem. A grande questão é se conhecer bem as famílias que nos couberam em encargo. Eis, pois, os documentos sociais constituem uma fonte de informações infinitamente preciosa. Nada sensibiliza mais a uma mãe ou a um pai do que perguntar,

por exemplo — como vai Pedro ? — **Êle** teve uma otite, há 2 anos. Sofre alguma coisa depois disso ?

Estar ao corrente de suas vidas humildes constitue para a Assistente Social um excelente meio de se aproximar desta gente desconfiada, conseguindo uma disposição quase amigável. Os que vão para preventórios ou sanatórios nos escrevem. Não deixam nunca de nos enviar um postal com a fotografia do estabelecimento onde, com uma cruz, marcam a janela de seu quarto ou de sua sala.

Um doente que volta, que vai melhor, que está contente, nos dá uma verdadeira alegria. Trazemos, às vezes, flôres. E que flôres. Murchas. Desfolhadas. Mas que importa — nós as recebemos com imenso prazer, guardamos cuidadosamente e vos asseguro que somos tão sensíveis a essas pequenas homenagens como pelas flores suntuosas ou caras *corbeilles*.

Experimentei, recentemente, real alegria, quando consegui colocar em um estabelecimento agrícola um menino de 14 anos que, depois de vir do preventório, sentiu desejo de se fazer **agricultor**.

E há progresso na mentalidade das famílias a nosso encargo ?

Muito lentos. Sabeis bem quanto recomendamos aos doentes para não escarrar no chão. No entanto **êles** são rebeldes. Novas gerações serão, seguramente, diferentes.

O silêncio se fez no alojamento de **Mlle. B.** . . . Despedi-me então, e penso nas dolorosas visões que a Assistente Social recorda cada tarde em seu ambiente de calma. Compreendo que a harmonia e o silêncio aí existam. E só na paz ela poderá readquirir ânimo e força para continuar batalhando pelo bem estar de tanta gente.

## A ASSISTENTE SOCIAL EM FÁBRICAS E USINAS

A maior parte das Assistentes Sociais, disse-me a Superintendente à qual eu pedira audiência, exerce sua ação nos meios anormais. Compreendeis, por aí, que elas se ocupam de indivíduos em momento de crise — doença ou desajustamento — quando o seu físico, o seu moral ou seu temperamento se acham perturbados e que elas vivem em permanente ação junto às obras de proteção à infância, de socorro ao adolescente culposo ou desajustado, às Caixas de Pensão etc. Elas não trabalham com elementos sãos.

Eu desejava ser uma trabalhadora social, mas queria agir sobre elementos de excelente equilíbrio e eis porque, entre todas as carreiras sociais, escolhi a de superintendente de fábrica.

Aqui, o operário é considerado não mais como um doente ou como um chefe de família, a quem se precisa dar um auxílio ou uma colocação, mas como um trabalhador, como um operário, no exercício cotidiano de sua vida normal.

Interrompi Mme. L. . . perguntando qual a vossa grande função no momento ?

Eu conheço industriais que me confessaram ver na Assistente Social uma espécie de tampão entre o empregado e o empregador, particularmente precioso para amortecer os conflitos que surgem entre ambos.

Mme. L. . . baixa a cabeça sem sorrir e diz que um patrão que vê na Assistente Social um elemento amortecedor de choques entre empregador e empregado não é assim tão mal.

Reflete e continua depois : — eu creio também que a presença de uma assistente em uma fábrica é um poderoso elemento de apaziguamento. Penso que ela é o mais seguro dos antídotos contra os maus fermentos que comprometem a ordem social.

E' verdade que nós somos o elemento de ligação entre as duas partes aludidas acima e que os maus pastores querem atirar contra a outra.

O patrão para a grande massa de trabalhadores é o inimigo. E' o homem que só os considera em razão do rendimento que lhes proporcionam.

Ora, o patrão pode e eleve ser outra coisa. Mas o operário não o sabe; não o conhece.

Há de uma parte e de outra um receio perfeitamente legítimo.

Há quanto tempo trabalhais nesta firma ? • Há 13 anos, desde o mês de novembro de 1922. Eu me ocupo de cerca de 1.500 operários.

Mas a vossa tarefa é pesada !

O rosto calmo e sério de Mme. L. . . se ilumina . Sacode vigorosamente a cabeça e diz :

Não é, absolutamente. Nunca, em nenhum momento, ela me pesou. Não tinha ainda 15 dias de escola e já eu me convencia de que não havia no mundo uma vida mais interessante do que aquela para a qual eu me preparava.

Que programa tinheis, quando entrastes em função ?

Corre sobre a fisionomia de Mme. L. . . uma rápida emoção e me parece que a sua voz vibra de um modo especial, enquanto que me responde :

Não me deram nenhum programa. Meu chefe me disse simplesmente - - "eu quero que meus operários sejam felizes" e me confiou o seu desejo a realizar. O caminho era amplo. E esta bela resposta diz muito do que pode ser a mentalidade de um patrão .

Imagina que seja frequente ?

Mme. L. . . sorriu encantadoramente, e se limitou a responder : eu creio que o meu chefe é um homem excepcional.

Existia, na fábrica, alguma organização social quando chegastes?

Havia uma Sociedade de Aposentadoria, com participação nos benefícios, proporcionalmente à autoridade .

Chegada à fábrica, aí instalada, estabeleci o meu programa, criando uma enfermaria. Antes, os feridos eram conduzidos ao hospital. Depois instalei uma cantina, depois uma creche, um jardim de infância e, mais tarde, uma Sociedade de Socorros Mútuos, que deveria ser uma caixa primária de Assistência Social. Veio depois uma sociedade esportiva e, enfim, uma Comissão de Colaboração. Êste era a expressão da grande amizade social que anima e que aproxima dirigentes e dirigidos, com a finalidade de assegurar a prosperidade da empresa, para felicidade de todos. Acompanhei um longo plano de construções operárias. Cada vez que um terreno estava à venda, era comprado e nêle colocado um prédio anexado de jardim.

Tomei a mim a direção do pessoal feminino que constitui 40 a 45 por cento da população operária. Sou eu que distribuo as mulheres aqui empregadas e que as acompanho através de seus trabalhos comuns.

Como procedeis cada vez que projetais qualquer criação ?

Começo a fazer um ante-projeto que encerra todas as diretivas que desejo adotar. Submeto-o depois aos técnicos.

Mme. L. . . vê seus operários fora da fábrica?

Só se êles nos convidam. À força não penetramos em casa de ninguém. Por outro lado, aí nada exigimos, mesmo em tom amistoso.

Para ganhar a confiança dos operários é preciso viver a sua vida. Até meu casamento, que data de algumas semanas, as minhas refeições se faziam sempre nas cantinas, ao mesmo tempo que êles, com o mesmo cardápio e na mesma mesa.

Todos os anos organizamos dois bailes, em que o patrão comparece e todo o mundo dança.

A organização possui alguma Colônia de Férias? Desde 1904, o nosso chefe tinha organizado uma, porém a seu modo. Êle alugava cada ano uma casa em Marés sobre o mar e enviava dois grupos de meninos e meninas, que uma comissão de mães acompanhava.

Era pitoresco e encantador, mas isso só era possível porque a fábrica tinha cerca de 30 operários.

Depois de 1919, eram também enviadas crianças às Colônias, ora formadas por turmas, pela municipalidade e ora por patrões.

Êste ano uma trabalhadora social os acompanhou, o que muito agradou aos pais.

Todo o ano, uma vez no mínimo, todo o pessoal da fábrica é submetido a uma visita médica completa. Pesa-se, fazem-se mensurações, examinam-se olhos, dentes, nariz, ascolta-se o coração, pulmões, rins, analisa-se urina, tomando-se as medidas indicadas.

Como se vê, é uma tarefa empolgante. Ao me casar, estabeleci como condição absoluta continuar a minha vida onde estou.

Se me nascerem mais tarde três ou quatro filhos, eu terei de fato novos encargos em meu lar, mais imperiosos e mais atraentes, mas até lá eu me consagrarei aos meus operários.

#### A RESIDENTE SOCIAL

Atravessei a porta, acima da qual se embalança a placa preta com letras douradas que indicam a casa hospitaleira - - "A Residência Social".

Um parque cheio de árvores diante de mim, mas antes de aí chegar, eu paro um instante diante da casa do porteiro.

Aí estão brinquedos, vestidinhos. Um belo urso preto ao lado de uma boneca e um gorro de tricô mostra em seda as suas cores brilhantes. Um cartaz mostra que aí estão prémios da tómbola que encerrou a Semana da Criança.

No parque, cosendo, vovós velam os pequeninos que dormem ou que brincam em seus carros.

Procurei visitar em detalhe cada um dos pavilhões que compõem êsse centro social, que servia de modelo, a tantos outros organismos semelhantes, instalados em vários pontos da França.

Dirigi-me à Secretaria : Aí está um cartaz com as atividades indicando o horário previsto para cada dia da semana, e para cada categoria de associados. Aí eu soube que as meninas, os meninos, as moças e

os rapazes e os pais têm agrupamentos distintos, exatamente previsto e atividades particulares, igualmente organizadas.

Nisto, uma mocinha, que atravessava o vestibulo, me perguntou a quem eu esperava, e quando eu lhe disse o meu desejo de ouvir Mlle. B. . . pediu que a acompanhasse e com ela cheguei à sala em que os visitantes esperavam pacientemente.

Uma senhora ao lado me dizia, quando esperava. Recebi há pouco nosso pedido de saída da casa, dado pelo nosso proprietário.

Quero ver se arranjo um meio de aí ficar. Meu marido morreu há 4 meses; eu não posso trabalhar por ter uma das mãos deformadas. E além disso é preciso que alguém tome conta de um neto, porque minha filha é viúva. O seu marido morreu quando ia casar com minha filha. Era tuberculoso. Não se pode mais por isso pagar os aluguéis, e vamos ser despejados.

Chegou a minha vez de ser atendido e fizeram-me acompanhar até um grande pavilhão, inundado de luz, onde, agrupados em torno de uma moça, que lhes contava uma história, estavam meninos e meninas. Jogos, brinquedos, cubos, imagens guarneciam a sala.

Vi depois o jardim de infância e, vencida uma escada, entrei numa sala cheia de fumaça azul de enormes cachimbos, de indivíduos velhos, dissemi-

nados em grande sala, alegremente mobiliada com mesas e bancos rústicos. Os extremos se tocavam.

Em outros recantos o pavilhão de escolares, os gabinetes dentários e de serviços médicos, os consultórios pré-natal e de ginecologia para as mães e futuras mães.

Atravessando o corredor, chegamos ao pavilhão da chamada Escola Doméstica, com cursos de várias espécies, em horas adequadas para costura, moda, cozinha, arrumação de casa, doces, além de aulas sobre francês, inglês, história, arte decorativa etc. . .

Tudo isso é frequentado por crianças, cujos pais trabalham fora e saem pela manhã e voltam à noite, deixando-os sob os cuidados das assistentes sociais de primeira ordem.

Enfim, recordando, a Residência Social é um centro de higiene, um jardim de infância, uma biblioteca, uma escola, uma casa de velhos.

A alma, o espírito de toda essa Organização, que tinha já 30 anos, era a amizade, a solidariedade humana e social.

O papel da Residente Social consiste em criar no meio dos trabalhadores, sejam urbanos, sejam rurais, um centro aberto a todos, sem distinção de idades, opiniões ou crenças e onde todos podem encontrar o auxílio e o conselho de que têm necessidade.

1946  
IMPRESA NACIONAL  
RIO DE JANEIRO BRASIL

